

MARIA MARGARETE SAMPAIO DE CARVALHO BRAGA: trajetória docente, experiências e sociabilidades (1970-2015)

Lia Machado Fiuza Fialho¹
Maria Aparecida Alves da Costa²
Hugo de Oliveira Leite³

Resumo: A pesquisa insere-se no campo da história da educação e traz à baila a biografia da professora universitária Margarete Sampaio. O objetivo foi compreender como se deu a trajetória formativa da professora freireana Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga e sua inserção no magistério superior na interface com o contexto educacional cearense (1970-2015). Trata-se de uma pesquisa do tipo biográfica que se ampara teoricamente na História Cultural e metodologicamente na História Oral, tendo como objeto de estudo as narrativas da professora, que foram coletadas mediante entrevistas - gravadas, transcritas e validadas. Os resultados revelam que Margarete Sampaio iniciou seu processo de escolarização em escolas isoladas no interior do Ceará e, posteriormente, ao mudar-se para Fortaleza, concluiu o ensino primário e secundário em grupos escolares, lançando luz ao importante contexto de organização da educação pública no Ceará. O segundo grau foi realizado no curso técnico em Administração. Cursou Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação. Sua experiência em escolas estaduais de educação básica, assim como sua atuação em nível superior como professora temporária de universidades públicas e privadas, contribuiu para a sua docência como efetiva na educação superior inspirada nos princípios de Paulo Freire.

Palavras-chave: Margarete Sampaio. Biografia. Educação Feminina. Formação Docente.

MARIA MARGARETE SAMPAIO DE CARVALHO BRAGA: teaching trajectory, experiences and sociability (1970-2015)

Abstract: The research is part of the field of the history of education and brings up the biography of university professor Margarete Sampaio. The objective was to understand the formative trajectory of the Freirean teacher Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga and her insertion in higher education in the interface with the Ceará educational context (1970-2015). This is biographical research that is theoretically supported by Cultural History and methodologically by Oral History, having as an object of study the teacher's narratives, which were collected through interviews - recorded, transcribed, and validated. The results show that Margarete Sampaio started her schooling process in isolated schools in the interior of Ceará and later, when she moved to Fortaleza, completed primary and secondary education in school groups, shedding light on the important context of public education organization in the Ceará. The second degree was conducted in the technical course in Administration. He studied Pedagogy, Masters and Doctorate in Education. Her experience in state schools of basic education, as

¹ Professora do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará e Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Líder do grupo de pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades (PEMO). Bolsista produtividade CNPQ. E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

² Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Pedagoga pela Universidade Estadual do Piauí. Membro do grupo de pesquisa PEMO da UECE. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES). E-mail de contato: mariapedagoga99@gmail.com

³ Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista de Monitoria Acadêmica (PROMAC/UECE). Membro do grupo de Estudos Paulo Freire da Universidade Estadual do Ceará. E-mail de contato: hug.oliveira@outlook.com.

well as her work at a higher level as a temporary teacher at public and private universities, contributed to her effective teaching in higher education, inspired by Paulo Freire's principles.

Keywords: Margarete Sampaio. Biography. Women's Education. Teacher Training

MARIA MARGARETE SAMPAIO DE CARVALHO BRAGA: trajetória docente, experiências y sociabilidad (1970-2015)

Resumen: La investigación forma parte del campo de la historia de la educación y trae a colación la biografía de la profesora universitaria Margarete Sampaio. El objetivo fue comprender la trayectoria formativa de la maestra freireana Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga y su inserción en la educación superior en la interfaz con el contexto educativo cearense (1970-2015). Se trata de una investigación biográfica que se sustenta teóricamente en la Historia Cultural y metodológicamente en la Historia Oral, teniendo como objeto de estudio las narrativas de la docente, las cuales fueron recolectadas a través de entrevistas - grabadas, transcritas y validadas. Los resultados muestran que Margarete Sampaio inició su proceso de escolarización en escuelas aisladas del interior de Ceará y luego, cuando se mudó a Fortaleza, completó la educación primaria y secundaria en grupos escolares, arrojando luz sobre el importante contexto de organización de la educación pública en Ceará. La segunda titulación se realizó en el curso técnico de Administración. Estudió Pedagogía y Maestría y Doctorado en Educación. Su experiencia en escuelas públicas de educación básica, así como su labor en nivel superior como docente en universidades públicas y privadas, contribuyeron a su eficaz docencia en la educación superior, inspirada en los principios de Paulo Freire.

Palabras clave: Margarete Sampaio. Biografía. Educación de la mujer. Formación de profesores.

Introdução

A pesquisa situa-se na área da Educação, mais especificamente no campo da História da Educação, em especial, de mulheres educadoras, ao tratar acerca da biografia da professora Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga, doravante apenas Margarete Sampaio, com ênfase em sua trajetória educativa até a sua inserção profissional na Universidade Estadual do Ceará, na interface indissociável com o contexto histórico educacional do Ceará da segunda metade do século XX.

Abordar temáticas que dizem respeito à educação feminina, ao seu processo de escolarização e a sua atuação no mercado de trabalho, é uma tarefa científica relativamente recente se considerados os séculos de silenciamento da mulher no ambiente doméstico (VASCONCELOS; FIALHO; MACHADO, 2017), no entanto, a narrativa histórica aqui

produzida valoriza o protagonismo feminino⁴, marginalizado ou esquecido pela historiografia tradicional, que possuía ênfase em personagens masculinos – heróis de guerra, reis, eclesiastes etc. Corroborando com essa ideia, Stascxak e Sales (2020, p. 2), afirmam que “não se trata, portanto, de enfatizar o papel de vítima pelas circunstâncias de outrora, mas de colocar a magnitude da mulher em perspectiva [...], atribuindo protagonismo aos percursos das mulheres no campo educacional”.

Margarete Sampaio foi uma menina interiorana que enfrentou muitas dificuldades ao longo de sua trajetória formativa, tais como: alfabetização com baixa qualidade, problema de miopia, êxodo rural, acesso restrito a material escolar etc. No entanto, conseguiu alto nível de escolarização graças, também, à dedicação de seus pais, que valorizavam a educação feminina, estimulando-a ao prosseguimento nos estudos. Como docente da Universidade Estadual do Ceará, torna-se referência como estudiosa de Paulo Freire, incentivando vários alunos a lutarem por uma educação crítica e contextualizada para a qual, inclusive, demonstra sua experiência no livro de sua autoria denominado “Prática Pedagógica docente-discente: traços da pedagogia de Paulo Freire na sala de aula”, obra resultante da sua tese de doutorado.

Diante do exposto, questionou-se como se deu o processo formativo da professora Margarete Sampaio, para que uma menina proveniente de família humilde e interiorana galgasse alto nível de escolarização, tornando-se professora universitária referência na pedagogia humanizadora de Paulo Freire no estado do Ceará. Para responder a essa inquietação, desenvolveu-se um estudo biográfico (DOSSE, 2015), amparado teoricamente na História Cultural (BURKE, 2010) e metodologicamente na História Oral (ALBERTI, 2010) com o objetivo de compreender como se deu a trajetória formativa da professora freireana Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga e sua inserção no magistério superior na interface com o contexto educacional cearense (1970-2015).

É importante ressaltar que preservar a história e a memória de uma educadora que colaborou com a educação cearense, permite lançar luz às barreiras educacionais que relegaram

⁴ Entende-se por protagonismo feminino a conquista do poder de participação social às mulheres, como a inserção no mercado de trabalho, por exemplo, que assegurou espaços de luta por seus direitos para garantir maior igualdade entre os gêneros.

muitas meninas interioranas e pobres do Ceará ao analfabetismo⁵. A biografia de Margarete Sampaio contribui com a história da educação cearense, pois amplia a compreensão da escolarização fomentada na década de 1970, uma vez que reverbera em diferentes contextos educacionais, vivenciados tanto em cidades interioranas como na capital do estado, que perpassam por experiências em escola isolada, grupo escolar, curso profissionalizante, Telensino, dentre outras.

O artigo subdivide-se em cinco seções, quais sejam: “Introdução”, que explicita a área na qual se insere o estudo, a temática da pesquisa, sua delimitação, o problema e objetivo do estudo, bem como a sua relevância; “Trajetória teórico-metodológica”, que explana o tipo do estudo, a técnica de coleta de dados, os aspectos éticos, dentre outros enfoques metodológicos necessários; “Processo de escolarização de Margarete Sampaio”, que aborda sua trajetória educativa, destacando as instituições escolares frequentadas por Margarete, no contexto educacional cearense; “Ensino Superior e Atuação Docente”, que enfatiza a prática educativa da biografada no contexto da educação básica e superior; e “Considerações finais”, seção em que se retoma a problemática e o objetivo da pesquisa para respondê-los, compilando os principais resultados e discussões, assim como ponderar sobre limitações e sugestões.

Trajetória Teórico-metodológica

A pesquisa ampara-se nos pressupostos teóricos da História Cultural (BURKE, 2010), que permitiu considerar novas abordagens e novos sujeitos da história com a ampliação da compreensão acerca do que pode ser utilizado como fonte de pesquisa (CHARTIER, 1990). A História Cultural foi impulsionada, especialmente, pela terceira geração da Escola de Annales⁶ e permitiu extrapolar o uso exclusivo de fontes documentais oficiais, ou mesmo da constituição de uma narrativa única.

Pautado em um estudo micro-histórico (LEVI, 1992; LORIGA, 2011), partiu-se de um sujeito individual, Margarete Sampaio, para melhor compreender seu contexto educacional a

⁵ Na década de 1970, quando Margarete Sampaio cursou o ensino primário e secundário, 33,6% das pessoas com idade de 16 anos ou mais não eram alfabetizadas no Ceará, segundo o Censo Demográfico de 2000 (IBGE, 2000).

⁶ Revolução historiográfica ocorrida na França a partir de 1929, tendo como pioneiros Marc Bloch e Lucien Febvre, com o objetivo de questionar o modelo positivista de escrita da história. É dividida em três gerações distintas, sendo a última conhecida como Nova História, conduzida principalmente por Jacques Le Goff (BURKE, 2010).

partir do desenvolvimento de uma biografia hermenêutica (DOSSE, 2015) com ênfase nos aspectos educacionais e profissionais da vida da biografada, ao lançar luz sobre a sua história de vida imbricada indissociavelmente no contexto educacional cearense do final do século XX. Sobre essa premissa, Machado (2015, p. 53) também enfatiza que “a micro-história permite analisar o indivíduo de vida comum como sujeito real da história e das experiências vividas na configuração das relações sociais”. A redução na lente de análise, com efeito, permitiu um estudo mais minucioso da história da educação de Fortaleza-CE, ao considerar aspectos subjetivos e nuances invisibilizadas em pesquisas macrosociais.

Os estudos biográficos, na perspectiva hermenêutica, elencados por Dosse (2015), diferem-se da compreensão biográfica tradicional, pois o mote não é elaborar uma narrativa histórica verdadeira e inquestionável à luz de sujeitos com vidas exemplares e imaculadas, transformando-os em mártires, e sim reconstituir uma versão da história que não é neutra e que reconhece suas limitações (LEVI, 1992), que colabora para a preservação da história e da memória de professoras cearenses que muito contribuíram para a formação educacional da cidade de Fortaleza e não desfrutaram da devida visibilidade social. Ademais, permite ampliar conhecimentos acerca da história da educação local, ofuscada pelos grandes acontecimentos no âmbito nacional.

Salienta-se, inclusive, que Dosse foi um crítico da Escola de Annales que questionou, sobretudo, o afastamento da dimensão humana nas pesquisas historiográficas, mais delimitadamente nas décadas de 60 e 70 e foi em direção a novos paradigmas, nos quais se interrelacionavam o vivido e a constituição de um horizonte em relação ao futuro. Dessa maneira, no plano teórico e epistemológico, ele criticava a noção de história estática, a negação do acontecimento e a longa duração e valorizava a descontinuidade, a ruptura e o fato, sem perder de vista a dimensão da globalidade e a preocupação interpretativa.

Comunga-se com Chartier (1990, p. 17) quando ele afirma que a História Cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”, ou seja, o interesse para a elaboração na narrativa histórica recaiu sobre uma realidade socioeducacional específica, em uma temporalidade delimitada, dada a ver sob uma lente micro-histórica a partir da biografia de Margarete Sampaio, ao ensejar lume à vida cotidiana e à educação feminina em vários sentidos da prática humana.

Nesse sentido, o estudo biográfico ganha relevância na atualidade, pois

No cenário atual, o pesquisador em História da Educação já não se contenta com a mera cópia ou reescrita dos documentos pelos manipuladores da memória, importa-se com o que ficou nas entrelinhas, para dar visão pública aos sujeitos esquecidos ou silenciados e então, hermeneuticamente reconstituir o contexto socioeducacional desde a história de vida das pessoas (FIALHO; SANTOS; SALES, 2019, p. 13).

Dosse (2015, p. 11) também enfatiza essa ideia ao inferir que “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”. Nessa direção, por meio da biografia de Margarete Sampaio, foi possível compreender seu percurso educativo e sua atuação profissional, imbricados nos contextos sociais, culturais e políticos do estado do Ceará na segunda metade do século XX, ao considerar a importância da vida de uma mulher comum.

Para realizar a biografia da educadora Margarete Sampaio foi utilizada a metodologia da História Oral, sobre a qual Xavier et al. (2020, p. 5) argumenta que

“[...] é concebida por meio de narrativas de sujeitos sociais sobre os mais diversos assuntos presenciados ou que de uma forma ou de outra deles tomaram conhecimento”. Desse modo, torna-se “[...] uma metodologia capaz de fomentar importantes narrativas e interpretações históricas. [...] a fonte oral é não apenas importante, mas necessária para compreensão historiográfica” (FIALHO et al., 2020, p. 4).

No gênero biográfico, a História Oral partiu das narrativas oralizadas de Margarete Sampaio sobre a sua vida, com ênfase no percurso educacional, contadas de maneira livre, ou seja, sem roteiro pré-definido a partir de suas lembranças. Como lembra Le Goff (2003, p. 471), “a memória na qual cresce a história, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, desse modo, vale salientar que a história biográfica foi constituída por intermédio da ação da memória, considerando que esta é permeada por silenciamentos, esquecimentos e lembranças inerentes ao ato de rememorar vivências passadas.

Como a História Oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2010, p. 155), as narrativas de Margarete Sampaio foram coletadas

mediante entrevista livre em História Oral (MEIHY; HOLANDA, 2007), na sua residência, no dia 22 de abril de 2019, às 18h, com duração de 80 minutos. O horário e o local para a realização da entrevista foram marcados pela entrevistada conforme a sua disponibilidade.

Importa salientar que o projeto de pesquisa foi previamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, que recebeu parecer favorável de número 2.585.705, em 06 de abril de 2018. A entrevista com Margarete Sampaio deu-se somente após a sua assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, quando se explicou o objetivo da pesquisa, a metodologia adotada, a forma de participação, possíveis riscos, liberdade de recusa, participação voluntária, publicização das oralidades em trabalhos científicos sem assegurar anonimato etc. As entrevistas foram gravadas, transcritas, textualizadas e validadas pela biografada, que realizou leitura e análise da transcrição e teve a oportunidade de realizar acréscimos e retiradas.

Processo de escolarização de Margarete Sampaio

No dia 21 de junho de 1961, na cidade de Ipueiras, interior do Ceará, nasceu Maria Margarete Melo Sampaio⁷, filha de Francisco Cazuzza Sampaio e Alaíde Melo Sampaio, a nona de uma prole de 11 filhos. De origem humilde, pois seu pai trabalhava como marchante⁸ enquanto sua mãe ocupava-se dos afazeres domésticos e do cuidado com os filhos, Margarete relembra o apreço que seu pai tinha no tocante à educação dos filhos:

Meu pai frequentou a escola por 15 noites, mas eu costumo dizer que eu não conheci um educador mais humano, mais sábio. Meu pai foi a sabedoria em forma de gente, [...] meu pai sentado na calçada, olhando as crianças virem da escola, que era o melhor passatempo para ele e, ao chegar em casa, ele dizia: lá vem os doutorzinhos do papai (BRAGA, 2019).

O relato da biografada evidencia a importância que seu pai atribuía à escolarização dos filhos, pois ele projetava para a prole um futuro diferente da realidade que vivenciou. Mesmo sendo semianalfabeto, Francisco Cazuzza sempre os incentivou a prosseguirem nos estudos, com a finalidade de buscar melhores condições de vida por meio da educação. Ainda que, por vezes,

⁷ Após seu casamento, adiciona o sobrenome do marido, tornando-se Maria Margarete Melo Sampaio Braga.

⁸ Marchante era o construto utilizado para fazer referência a quem trabalhava comprando gado para vender sua carne a açougues, ou seja, negociante de carne bovina.

reprovado pelos seus irmãos, Francisco Cazuzza seguia adiante com a ideia de que a educação seria a única maneira de seus filhos mudarem suas condições de vida. Margarete Sampaio relembra a fala de um tio: “mas tu é louco, que homem orgulhoso, 7 cabo de enxada, 7 filhos homens e 4 meninas, que podiam se casar, ter marido, vai botar pra estudar, olha a besteira” (BRAGA, 2019). Segundo ela, seu pai retrucava e afirmava, “[...] não. Para eles vou deixar a maior herança que um pai pode deixar, que é o estudo” (BRAGA, 2019).

O posicionamento do pai, afastando os filhos do trabalho braçal na roça, era reiterado pela mãe, que não delegava às filhas quaisquer atribuições domésticas. Os posicionamentos de Alaíde são mencionados por Margarete Sampaio (2019):

Eu admirava muito isso neles e a minha mãe é aquela pessoa sábia também, que nunca olhou se uma tarefa estava feita ou não, até porque ela não sabia orientar e não tinha tempo, tinha dia que ela lavava 7 redes, tinha câimbras de tanto lavar rede, as fardinhas todas, ela não queria uma filha no pé do fogão aprendendo a cozinhar, ela dizia que “vão aprender a ler, a escrever e a estudar”, ter o dinheiro delas e não aguentar o abuso de filho da égua nenhum (marido), “quero minhas filhas para terem a vida delas, o dinheiro delas”, então a gente teve todas as condições de estudos.

De tal modo, os pais sobrecarregavam-se com as atividades laborais, com o objetivo de possibilitar aos filhos uma boa escolarização. Sobre a instrução feminina cearense, esta foi melhor sistematizada apenas no final do século XIX, com a chegada das freiras Vicentinas, que vieram da França com a finalidade de assistir às crianças órfãs e instituírem o sistema de internato, sendo este considerado o melhor modelo para a conduta das moças daquela época (SOUSA; FERNANDES, 2019).

Ainda na segunda metade do século XX, a educação feminina não era vista como prioridade, principalmente em cidades interioranas, onde as moças ainda eram preparadas para o casamento e, posteriormente, ao cuidado do lar e dos filhos, como enfatiza Scott (2012, p. 24) “nos anos 1960, apesar de visões alternativas, ainda era tido como altamente desejável que a mulher se casasse, tivesse filhos e pudesse se dedicar integralmente à família depois de casada”.

O primeiro contato de Margarete com as primeiras letras foi por intermédio de sua irmã mais velha, posteriormente, aos sete anos, começou a frequentar uma escola isolada na casa da professora Dona Creuza, em Ipueiras. Esse tipo de escola era caracterizado por terem somente

uma professora para várias séries, funcionando na casa da própria docente, em salões de igrejas ou em algum local cedido pela comunidade (HOEELER, 2009).

A minha irmã me alfabetizou, Maína a mais velha, e aí quando eu fui para a escola, para a casa da Dona Creusa, fui alfabetizada com aquela cartilha de ABC. Aí Dona Creusa, quando eu estava no 1º ano (1ª série), ela inventou de me botar no 2º ano (2ª série), e ela disse para a minha mãe o seguinte: “Alaíde, essa menina é muito inteligente, dá para ela fazer 2 anos em 1 só”.

Como já havia tido instrução de maneira informal com sua irmã, estava adiantada em relação às outras crianças de sua série. E avançar para a série seguinte no meio do ano, no sistema de escola isolada, significava continuar na mesma sala, com a mesma professora, mudando apenas o nível das tarefas. Essa prática de alfabetização na própria residência ou, em particular, da professora, geralmente a mais escolarizada da região, era corriqueira no interior do Ceará no século XX, principalmente nas cidades interioranas mais distantes da capital em que o acesso à escola era difícil (CUNHA; SILVA, 2010). Inclusive, vale destacar que, na década de 1970, no Ceará, praticamente inexistiam recursos públicos para a construção de prédios, materiais escolares, pagamento de professores e até mesmo professores habilitados para exercer a docência (GIRÃO, 1962).

De acordo com os relatos de Margarete Sampaio, percebe-se que o método que a professora utilizava para a alfabetização dos alunos era condizente com a corrente tradicional, pois consistia no uso quase exclusivo da Cartilha do ABC, recurso amplamente utilizado de maneira mnemônica, que partia da parte para o todo, como leciona Vieira (2017, p.134):

[...] utilizava-se de pequenos textos ou historietas para destas destacar as sentenças e palavras para formação de novas sentenças, mas, também, pode ser apresentado como um manual didático destinado para o ensino da leitura e da escrita, tendo como eixo norteador a organização por palavras-chave, palavras que, segundo o autor, fazem parte do universo vocabular do aluno, a exemplo de bola, banana, dado, pato (VIEIRA, 2017, p. 134).

Para Mortatti (2000), a Cartilha do ABC teve início no final do século XIX com a organização da instrução pública durante o período republicano brasileiro, em que o processo de escolarização se dava a partir das práticas de leitura e de escrita, no entanto, a cartilha consolidou-se como principal método de concretização da alfabetização. No Ceará, a cartilha

popularizou-se rapidamente, chegando inclusive em localidades em que não havia escolas.

Foi no método alfabético, usando a Cartilha do ABC, que Margarete Sampaio primeiro aprendeu os nomes das letras do alfabeto para depois realizar as combinações silábicas e, em seguida, montar as palavras. Soletrar as sílabas até reconhecer a palavra, decorando sons e grafemas, amparada em operações mnemônicas, foi alfabetizada. Todavia, para cursar a terceira série, Margarete foi matriculada no Grupo Escolar Dom Gelinho, onde se deparou com algumas dificuldades, haja vista que se alfabetizou de forma precária.

Os grupos escolares tinham a função de agrupar as escolas isoladas que forneciam o ensino primário, possuindo várias séries que funcionavam em salas separadas. No caso do Ceará, eles emergiram em 1907, com a publicação do Regulamento dos Grupos Escolares do Estado do Ceará (AMORIN, 2015), entretanto, era fomentado com infraestrutura precária, recursos insuficientes para a aquisição de material didático e com muitos professores sem a devida formação para o magistério.

A dificuldade de interpretar o que lia somou-se à miopia, deficiência na visão, e a prática de transcrever em seu caderno o que estava escrito na lousa virou um pesadelo:

Para ir ao 3º ano (3ª série), eu fui para o grupo escolar Dom Gelinho. Eu não sabia tirar da lousa. Na casa da Dona Creusa, ela fazia caligrafia para a gente repetir, até deitado no chão, então tirar da lousa e míope, foi horrível, foi uma experiência de chorar. Meu Deus! Foi um choque, mas também consegui no final do ano eu me lembro tanto, que tinha as provas finais e eu fiquei em 9º lugar, então para a pessoa que chegou e não conseguia tirar da lousa, foi bom (BRAGA, 2019).

Após concluir a terceira série primária, Margarete Sampaio muda-se para Fortaleza juntamente com a mãe e seus irmãos, com o objetivo de que pudessem dar continuidade em seus estudos, enquanto seu pai permaneceu em Ipueiras a trabalho: “papai morava no interior e a gente veio estudar aqui com a mamãe [...] ele tinha que ganhar o mundo, comprava gado, vendia, matava, era açougueiro, e sempre lá no interior, ou no Piauí para garantir o sustento. Era agricultor também e a gente aqui, e ele segurando as pontas” (BRAGA, 2019).

Francisco Cazusa assumiu o compromisso de sustentar a família em Fortaleza para que os seus filhos progredissem nos estudos. Chegando a Fortaleza, Margarete foi matriculada em um Grupo Escolar localizado no bairro Presidente Kennedy para cursar a 5ª série sem a

necessidade de fazer o exame de admissão⁹, pois este tinha sido extinto exatamente no ano de sua matrícula, em 1972.

Não possuindo recursos financeiros suficientes para comprar o material escolar de todos os filhos, Alaíde atrasava o mais velho e adiantava o mais novo agrupando os filhos na mesma série, como explica Margarete Sampaio: “Ela tinha estratégias que eram muito interessantes, mamãe adiantava um filho e atrasava outro, para ter 3, 3 e 2, para ter a mesma coleção de livros, não dava para comprar 11, mas dava para comprar 3, 4 e de um passando para o outro”. Interessa mencionar que fomentar a escolarização em nível primário já era muito difícil para a maioria das famílias cearenses na década de 1970, especialmente as interioranas e, mais complicado ainda, era conseguir a inserção no ensino secundário (VIEIRA, 2002).

Após concluir o primário, Margarete Sampaio consegue uma bolsa de estudos para cursar da sexta à oitava série no Educandário Casemiro de Abreu, no bairro Carlito Pamplona, como ela relata: “[...] do grupo, a gente conseguiu uma vaga para uma escola com bolsa, no Carlito Pamplona, que era o Educandário Casemiro de Abreu [...], nós conseguimos porque havia um convênio entre a rede pública municipal e a rede particular para os alunos de destaque”.

Quanto ao Segundo Grau, diferentemente de muitas outras moças que optavam por cursar o Ensino Normal, Margarete preferiu seguir uma formação técnica, ao optar pelo curso Técnico em Assistente de Administração no Colégio Estadual Joaquim Nogueira, no bairro Parquelândia: “Do Educandário, eu fui para o Colégio Estadual Joaquim Nogueira, ali na Parquelândia [...] junto com a Rita. O Nenê foi para a escola técnica, eu e a Rita fomos fazer o curso de assistente técnico de administração” (BRAGA, 2019).

O cenário educacional brasileiro em que Margarete conclui o Segundo Grau foi marcado pelo contexto da ditadura militar. Nesse período, a educação foi caracterizada por diversas reformas no ensino com o desenvolvimento de uma educação voltada para o trabalho (SHIROMA; MORAES; EVANGELISTA, 2011); logo, a educação superior era um privilégio em detrimento dos cursos profissionalizantes que asseguravam o ingresso mais rápido no mercado de trabalho. A valorização da educação profissional possuía o intuito político de fortalecer a modernização do país por meio do ensino técnico, que favorecia uma preparação aligeirada para uma mão de obra barata que servia ao desenvolvimento do Brasil.

⁹ Exame obrigatório para o ingresso ao Ginásio que perdurou durante os anos de 1931 a 1971 (PIRES, 2019).

Ensino Superior e Atuação Docente

Após concluir o curso de Técnico em Assistente de Administração, Margarete presta vestibular para o curso de administração na Universidade Estadual do Ceará, no entanto, não obteve êxito, como ela rememora.

Mesmo sendo uma aluna muito boa, matemática era meu xodó, só 10, eu ficava feliz, mas eu tinha disciplinas de contabilidade e custos, mecanográfica, como é que estuda e passa no vestibular!? E eu tentei UECE, primeiro para administração, já que o curso era técnico administração, não passei na UECE (BRAGA, 2019).

Na narrativa da biografada, nota-se que possuía afinidade com a área administrativa, uma vez que já tinha concluído o curso Técnico em Assistente de Administração, contudo, não conseguiu a pontuação exigida para aprovação e ingresso no ensino superior, em decorrência de ter que conciliar seu tempo com as obrigações do curso técnico e com os estudos para a preparação do vestibular. No ano seguinte, em 1980, preparou-se novamente para prestar vestibular, fazendo a inscrição para concorrer a uma vaga no curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Ceará, assim como também para o curso de Ciências Contábeis na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), conseguindo aprovação nos dois cursos.

Optou por cursar Pedagogia por dois motivos. Primeiro, o curso de Ciências Contábeis na UNIFOR seria pago por se tratar de instituição privada e, como um dos seus irmãos já cursava Direito na referida instituição, sua família não tinha condições de arcar com os custos de dois cursos. O outro motivo pela escolha do curso de Pedagogia foi decorrente do fato de, em sua adolescência, aos 13 anos, ter a experiência de alfabetizar 4 crianças filhas de uma comadre de sua mãe e de ter gostado dessa atividade.

Não foi nada que eu já achasse que deveria ser, era mais a história de que com 13 anos, eu dava aula para 4 meninos, filhos de uma comadre da mamãe, de uma favela perto da casa da gente, e do jeito que eu fui alfabetizada, eu alfabetizei os meninos no Padre Antônio. Alfabetizava as crianças, tinha um dinheirinho, imagino que era uns 5 reais por menino, o equivalente a hoje, mas era uma fortuna, dava para comprar sabonete, xampu, feliz da vida, e eu alfabetizei os meus irmãos mais novos, o Cleiton e a Bia (BRAGA, 2019).

A vivência da docência desde os 13 anos com a alfabetização de crianças, mesmo de maneira não institucionalizada, serviu para lhe impulsionar à escolha do curso de Pedagogia. Ademais, para uma menina interiorana, de família humilde, passar no vestibular de uma universidade pública, era uma conquista pouco comum na década de 1980. Margarete Sampaio explicita: “[...] e eu fiz (vestibular) e quando eu passei, foi talvez na minha vida acadêmica, uma das maiores alegrias. É muito bom passar no vestibular, aquela coisa de ver seu nome. Foi uma alegria tão grande” (BRAGA, 2019).

Na década de 1980, o Ensino Superior no Ceará, principalmente em Fortaleza, ainda estava em ascensão, uma vez que o país vinha saindo de uma ditadura militar e a democratização do ensino ampliava-se. De acordo com Vieira (2002, p. 297), “a expressão local desse movimento é um sinal claro de que mesmo as unidades mais pobres da federação delineiam alternativas para formar os filhos das camadas mais privilegiadas”. Desse modo, percebe-se que quando Margarete Sampaio inicia sua graduação, o ensino superior ainda era destinado às camadas elitizadas, desfavorecendo os mais empobrecidos, como era o caso da biografada.

Em seguida, cursa habilitação em Supervisão Escolar, pois as mudanças ocorridas no curso de Pedagogia com a Reforma Universitária de 1969, a partir do Parecer CFE 252/69, instituía um currículo mínimo para a duração do curso, no entanto, posteriormente, fracionado em habilitações técnicas como planejamento, supervisão, administração e orientação educacional definindo, assim, o perfil do profissional formado em Pedagogia (CRUZ, 2012).

Aos 21 anos de idade, ainda cursando Pedagogia, Margarete Sampaio casa-se com Miguel Sávio, com quem teve dois filhos. Aos 23 anos, teve o primeiro filho, Clerton Sávio e, aos 24 anos, o segundo filho, Marcelo Caio. Após o nascimento do seu primeiro filho, em 1985, torna-se professora efetiva do Estado do Ceará, atuando como orientadora de aprendizagem do Telensino e, posteriormente, como professora das séries finais do ensino fundamental.

Primeiro eu fiz (concurso) para professora do Estado, eu quis ser orientadora de aprendizagem do Telensino, porque meus 2 irmãos mais novos estudaram pelo Telensino e eu vi muita autonomia neles e, assim sendo aluno de escola pública. Fiquei 19 anos no Estado. O orientador de aprendizagem mediava conhecimentos de Português, Matemática, Ciências, todas as áreas (BRAGA, 2019).

Motivada pela experiência de seus irmãos por terem estudado pelo Telensino, Margarete Sampaio assume seu primeiro concurso aos 24 anos no cargo de orientadora de aprendizagem do ensino secundário do Telensino. Cabe salientar que o Telensino, como enfatiza Vieira (2002), era uma modalidade de ensino fundamental regular via televisão, que se destacou em várias unidades federativas a partir de 1966, porém no estado do Ceará, foi implantado apenas em 1974. A opção pela introdução dessa modalidade de ensino deu-se pela carência de profissionais habilitados para atender o ensino de Primeiro Grau maior (5ª a 8ª séries).

Sobre a dinâmica de funcionamento do Telensino, Margarete Sampaio relata que:

As aulas eram pela TV. A gente fazia num primeiro momento a percepção da aula e depois a gente fazia o aprofundamento do conteúdo. O trabalho era todo organizado em torno de equipes. [...] era uma metodologia ativa e avaliação também era feita num processo de autoavaliação, o aluno se autoavaliava, a equipe avaliava o aluno e o professor avaliava cada aluno dentro da equipe. Muito bacana! Fiquei lá de 1985 até 1992 (BRAGA, 2019).

Partindo dessa base, pode-se notar que Margarete Sampaio realizava um trabalho coletivo com sua mediação no qual o processo avaliativo dava-se por meio da autoavaliação, assim como pelos membros das equipes e da professora. Dos 19 anos que Margarete lecionou na rede estadual, 8 anos (1985-1992) foram dedicados ao Telensino. Com efeito, destituindo da visão romantizada do programa, destaca-se que, em muitos casos, o professor (orientador) não possuía a formação adequada para essa atuação e a aprendizagem dos alunos era prejudicada. Sobre isso, Margarete Sampaio acrescenta:

O Telensino foi aquela experiência de me preparar para todos os componentes curriculares de quinta, de sexta e de sétima séries, [...] depois eu migrei para uma escola que não tinha Telensino porque lá a demanda era Matemática e eu tive que, com base no que eu já sabia no Telensino, ir me preparando e assistindo as teleaulas. Eu realmente tinha uma condição, mas eu me esforçava muito [...]. As dificuldades que eu tinha em aprender eu entendia que poderiam ser as dificuldades dos alunos (BRAGA, 2019).

Em seguida, tendo que atender à demanda de uma escola que estava com carência de professores de Matemática, Margarete Sampaio utilizou a experiência obtida nas teleaulas para, mais uma vez, atuar em campo distinto da sua formação. Em relação à docência na área de

Matemática, atuou 11 anos como professora dessa área em escolas estaduais localizadas “no centro de Caucaia, trabalhei no Conjunto Araturi e trabalhei no Parque Tabapuá” (BRAGA, 2019).

Depois de anos dedicada ao trabalho e às atribuições do lar, Margarete Sampaio volta à sala de aula como aluna e inicia uma especialização em Teoria de Interpretação em Análise Literária, em 1987, na UNIFOR, como explica: “Eu soube que estava havendo, na UNIFOR, uma Especialização em Teoria de Interpretação em análise literária e eu fui para a entrevista. O coordenador tinha sido nosso professor [...]. Aí ele disse: eu queria te dizer, Margarete, que você tem toda a condição de fazer o curso” (BRAGA, 2019).

Em 1990, foi implantada a Fundação Bradesco no município de Caucaia-CE e Margarete Sampaio faz a seleção na qual foi aprovada para o cargo de supervisora e orientadora educacional durante quatro anos (1990-1994). Como ela relata, “a seleção era feita pela Fundação Getúlio Vargas e aí eles vieram e fizeram 7 fases do processo seletivo rigorosíssimo [...]. Entreguei e protocolei a minha inscrição e eu passei para ser supervisora e orientadora educacional da Fundação Bradesco” (BRAGA, 2019).

Margarete assume na Fundação Bradesco duas funções: orientação pedagógica, que era destinada a acompanhar o corpo docente nos planejamentos das aulas no período da tarde e de orientadora educacional, em contato direto com os alunos, como ela destaca:

Na Fundação, era o serviço de orientação pedagógica e educacional, então eu era orientadora educacional porque eu acompanhava os alunos e era orientadora pedagógica porque acompanhava os professores daqueles alunos. Lá era Ensino fundamental também, de quinta a oitava. Então eu trabalhava à tarde e à noite (BRAGA, 2019).

No ano de 1994, Margarete sai da Fundação Bradesco e passa na seleção para o Colégio Cooperativo de Fortaleza (COOPEFOR), onde também contribuiu por quatro anos como supervisora no turno da noite.

Na COOPEFOR, eu era também supervisora, eu acompanhava os professores de 5º ano em diante, sendo que lá, era uma equipe interdisciplinar muito integrada: a psicóloga, a orientadora educacional, a supervisora (no meu caso). E a gente acompanhava todos os alunos numa dinâmica de discutir juntos os encaminhamentos da escola com a efetiva participação dos pais, a gente tinha

conselho de pais e mestres, conselho de alunos, conselhos de professores e funcionários, na própria dinâmica de uma cooperativa.

Por ser uma cooperativa, o COOPEFOR funcionava de forma coletiva com técnicos, professores, pais e estudantes. Margarete, mais uma vez, exercia o trabalho de supervisora, acompanhando professores de quinta a oitava série até o ano de 1998, quando decidiu sair da instituição em decorrência da mudança de gestão e da implantação de um novo material didático que ela não concordava: “quando a escola mudou de gestão, mudou tudo, a nova gestão queria implantar um projeto Cali Colômbia, apostila do Positivo, aí eu comecei a bater de frente e chegou uma hora que foi insustentável a minha permanência e eu pedi para sair” (BRAGA, 2019).

Mesmo identificando as qualidades do corpo docente e da gestão do COOPEFOR, no sentido de serem abertos ao diálogo e democráticos, Margarete Sampaio resolve deixar a instituição por não concordar com algumas mudanças, sobretudo, com a implantação do projeto Cali Colômbia¹⁰ e com a adoção do novo material didático elaborado pelo grupo Positivo.

Ainda no COOPEFOR, Margarete Sampaio faz a seleção para o mestrado na Universidade Federal do Ceará (UFC), como ela relembra,

Uma professora minha da UFC, quando eu fui visitá-la, ela me perguntou: “você ainda não fez o seu mestrado?” E eu respondi: Não! E em seguida ela disse: Mas Margarete, uma menina que foi monitora de 3 professores, você chegou a substituir professor na faculdade”. E assim, pontualmente me questionei: “por que não?”. Aí deu aquela mexida.

Após o encontro com sua antiga professora, reflete sobre a possibilidade de dar continuidade à sua formação acadêmica e faz a seleção para o Mestrado em Educação Brasileira na UFC, conseguindo aprovação em 1995, como ela relembra: “Eu fiz a especialização em literatura e com 33 anos, tentei e passei no mestrado da UFC em Educação Brasileira. Demorei outro tempo para entrar no doutorado” (BRAGA, 2019).

Saindo do COOPEFOR em 1998, Margarete faz uma seleção para o Colégio Santa Cecília: “Eu sabendo de uma seleção no Colégio Santa Cecília, eu fui para o Santa Cecília, foi uma

¹⁰ Ver em: <http://www.ibiblio.org/cedros/projeto.htm>.

experiência muito rica, eu fiquei 5 anos como supervisora do 5º ano ao 2º ano do ensino médio. É uma escola convencional, católica. É a escola mais cara de Fortaleza” (BRAGA, 2019).

O Colégio Santa Cecília contribui com a educação de famílias abastadas de Fortaleza desde 1952 e faz parte do Instituto das Damas da Instrução Cristã da Bélgica. A princípio, funcionou no Bairro Benfica até 1960 e era destinado apenas para a formação de meninas. Um ano depois, mudou-se para o seu local atual, no bairro Aldeota. Atualmente, atende um público misto, destacando-se de outras escolas pela oferta de formação humanista e cristã e pelo alto custo das mensalidades (SALES, 2010).

Concomitantemente ao seu trabalho no Colégio Santa Cecília, a biografada já lecionava no ensino superior, em universidades como: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Faculdade 7 de Setembro e UNIFOR. Quanto a sua docência na UECE, ela iniciou como professora substituta no ano 2000 e, posteriormente, assumiu o concurso para professora efetiva.

Quando eu estou dando aula na UNIFOR, sai o concurso da UECE para professor substituto, eu fui e passei, eu já estava no mestrado, aí eu larguei a UNIFOR e fui para a UECE, fiquei 2 anos e terminou o meu contrato. [...] Em 2003 o concurso da UECE que era para doutor, lançado no dia 19, no dia 20 baixou para mestre, aí eu disse para a diretora: doutorado não, mas eu quero é ser professora da UECE, tem um concurso aberto e eu sei que não tenho quase nenhuma chance, eu vou ter um mês para estudar, mas se a senhora me ajudar. Ela me respondeu: “tire o tempo que for preciso para você estudar, é o que você quer?” E eu a respondi: “é”. Aí eu fiquei em casa durante 1 semana, foi na semana da integração cultura e esporte do colégio, fiquei estudando 16 horas por dia.

Com o consentimento da diretora do Colégio Santa Cecília, ao ser dispensada por uma semana de suas atividades pedagógicas com a finalidade de dedicar-se aos estudos, Margarete Sampaio conseguiu aprovação em primeiro lugar.

Aí eu fui 1º lugar (no concurso), entrei e o curso era para Educação Brasileira, quando eu entrei, comecei a trabalhar com estágio, práticas de ensino e política educacional, estrutura e funcionamento de ensino, didática em uma licenciatura ou outra, mas eu queria estar na Pedagogia. Era uma lógica que eu não entendia, didática era o meu forte, não tínhamos pedagogia de Paulo Freire ainda, eu ficava muito pulverizada, mas quando eu cheguei no estágio, eu me encontrei. Uma colega se aposentou, eu fiquei como a professora de estágio, manhã e tarde (BRAGA, 2019).

O início de sua docência como professora efetiva na UECE foi marcado pela atuação em diversas disciplinas, inclusive, em outras licenciaturas além da Pedagogia. Mas sua afinidade era pelo curso de Pedagogia, especificamente no componente curricular didática, construída ao longo dos anos de sua docência na educação básica, assim como em experiências adquiridas como professora temporária das instituições que foram citadas anteriormente.

Foi na atuação com a didática que Margarete Sampaio aproximou-se mais dos pressupostos teóricos de Paulo Freire, inclusive, reclamando maior participação desses pressupostos no currículo do curso de Pedagogia e desenvolvendo proposta doutoral nessa temática. Ela fez duas seleções para o Doutorado em Educação Brasileira na UFC, no entanto, não conseguiu aprovação, ingressando somente em 2008 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ela atribui às tentativas sem êxito na UFC a sua proposta de pesquisa, pois tratava sobre a pedagogia de Paulo Freire e não tinha professor que orientasse essa temática.

Ao finalizar seu doutoramento na UFPE, retornou à UECE, onde fez parte da célula pedagógica da PROGRAD¹¹ durante um ano e, posteriormente, candidatou-se à coordenação do curso de Pedagogia, na qual atuou entre os anos de 2013 e 2015, como ela relata.

Quando eu volto do doutorado, a Marcília era a Pró-reitora de Graduação, ela me chama para a Célula Pedagógica da PROGRAD, aí fiquei lá durante um ano, porque saiu a inscrição para a coordenação do curso de Pedagogia. Aí eu me candidatei, fiquei de 2013 a 2015. Acho que a gente fez algumas coisas interessantes e uma delas foi trazer todos os professores concursados para dentro do curso de Pedagogia (BRAGA, 2019).

Durante os dois anos de sua gestão na coordenação do curso de Pedagogia, o que lhe intrigava era o fato de os professores efetivos da Pedagogia não estarem atuando diretamente no curso de Pedagogia, assim como também a carência de algumas disciplinas para a complementação do curso.

Vamos trazer os nossos, nós temos os titulares da casa e como é que não dava aula no curso de Pedagogia? Aí a gente começou arrumando foi isso, fizemos outra coisa que foi ver as disciplinas que pudessem contribuir com a formação do jovem-adulto, era uma coisa largada, não tinha a disciplina de EJA, não

¹¹ Pró-reitora de Graduação da UECE.

tinha Pedagogia de Paulo Freire, não tinha de Educação Popular e Movimentos Sociais, não tinha Pedagogia do Trabalho, aí a gente foi puxando no colegiado esta discussão, e mais, passamos a validar os núcleos (BRAGA, 2019).

A implantação das disciplinas citadas trouxe uma contribuição significativa para o curso, com uma visão mais voltada para a educação popular, alfabetização de jovens e adultos a partir da disciplina da EJA e até o conhecimento e despertar sobre a luta pela educação mediante os movimentos sociais (RODRIGUES; MOREIRA, 2020). A complementação do currículo possui uma importância singular na atualização do currículo dos cursos, haja vista que ao falar de formação de professores, o currículo sempre deve estar alinhando a teoria à prática em sociedade, seja dentro ou fora dos muros das instituições (LIMONTA, 2011).

No tocante à sua prática docente na UECE, Margarete ressalta que o principal ponto de formação dos alunos é o diálogo entre docente e discente, como ela rememora.

Uma coisa que eu acho, que era o que Paulo Freire melhor me ensina a fazer, que é estabelecer o diálogo, não diálogo como metodologia, mas diálogo como princípio da formação e eu já começo não levando o programa da disciplina, eu levo questões a partir da ementa aprovada no colegiado e, dentre as questões, eu caracterizo, aproximo por blocos e proponho de novo à turma e leva umas 3 aulas nessa arrumação, devolvo as questões para a turma, a gente vê as questões já arrumadas, isso é um trabalho que eu prego (BRAGA, 2019).

Fundamentando-se em Paulo Freire, ressalta a importância dessa dialogicidade que permite uma aproximação maior entre alunos e professores e que, a partir disso, não seja possível apenas formar futuros profissionais, mas seres humanos conscientes e humanos, consoante ao que ressalta Freire (1987, p. 42): “o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial”.

A contribuição de Margarete Sampaio na UECE, principalmente nas turmas de Pedagogia, é conhecida por adotar uma prática humanizadora baseada nos princípios pedagógicos de Paulo Freire, pensada na consciência humana e no lugar dos indivíduos no mundo, ressaltando que a base de mudanças sociais e culturais está na educação.

Eu acho que educação, o papel dela é nos tornar sujeitos culturais. Ela é contributo para nos ajudar a mudar a realidade em que nós vivemos, e mudar a realidade não no sentido de busca de um favorecimento individual, mas em uma dimensão coletiva. É tornar o mundo mais humanizado, tornar as pessoas mais felizes no seu conjunto, e aí eu diria que é contribuído com a constituição de uma sociedade pautada na ética do bem comum. Educação serve para isso (BRAGA, 2019).

Compreende-se, então, que a visão da biografada sobre a educação parte do cotidiano, da realidade do indivíduo para o coletivo, com o objetivo de manter uma convivência humanizada e ética de um sujeito autônomo e comprometido com a transformação da sua realidade. Essa concepção vai ao encontro dos ensinamentos de Freire, que defendia o conhecimento a partir da realidade social, na qual os indivíduos são sujeitos inacabados, fruto de transformações e de construções, conscientes da necessidade de ser ativo na busca por mais justiça social (SOARES, 2020).

Importa ressaltar que a biografia de Margarete Sampaio permite-nos a compreensão da vida de uma educadora que, mesmo presenciando a pobreza interiorana e, posteriormente, ao mudar-se para a capital cearense, a moradia em bairros periféricos, consegue frequentar escolas públicas e particulares (neste caso como bolsista), galgando a mais alta escolarização, ou seja, o doutorado. Demonstra que o acesso à educação foi o principal aspecto para a mudança de status social e que lhe possibilitou tornar-se professora universitária efetiva, mesmo diante das barreiras enfrentadas e superadas para concluir seus estudos, tais como dificuldade na aquisição de material escolar e fardamentos, problemas de visão, mudança de cidade, dupla jornada conciliando estudo e trabalho, dentre outros.

Considerações Finais

A pesquisa buscou compreender como se deu a trajetória formativa da professora freireana Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga e sua inserção no magistério superior na interface com o contexto educacional cearense (1970-2015). Convém salientar que esse estudo trouxe à baila a biografia de uma mulher, educadora, anunciando suas contribuições no campo educacional cearense mediante o contexto de experiências vividas que outrora foram ocultas do imaginário social.

Por meio da metodologia da História Oral com a biografada, houve a possibilidade de recorrer às memórias da educadora e, assim, narrar os fatos históricos de sua vida no tocante a sua trajetória formativa e profissional. Margarete Sampaio vivenciou, ao longo de sua trajetória formativa, as dificuldades trazidas pela vida interiorana em Ipueiras, como a pouca condição financeira de sua família que reverberou em poucos recursos para custear as despesas escolares. Ademais, havia a impossibilidade de prosseguimento nos estudos e de acesso a uma educação formal de qualidade no interior, o que acarreta a mudança de toda a família para Fortaleza, na busca por melhor formação educacional.

No que concerne à sua trajetória formativa, Margarete Sampaio alfabetizou-se em casa com o auxílio de sua irmã mais velha e, posteriormente, em 1968, ingressou numa escola isolada na casa da “Dona Creuza”, estudando a primeira e a segunda série. Para cursar a terceira série do ensino primário, foi matriculada no Grupo Escolar Dom Gelinho, em 1970. Com a mudança do interior para a capital cearense no ano de 1971, Margarete retoma seus estudos em um Grupo Escolar no bairro Presidente Kennedy para cursar a quarta série primária. No ensino secundário, frequentou o Educandário Casemiro de Abreu. Quanto ao Segundo Grau, optou pelo ensino técnico no Colégio Estadual Joaquim Nogueira, concluindo o curso técnico em Assistente Administrativo. Formou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e concluiu o mestrado em Educação Brasileira pela mesma instituição. Já no doutorado, opta pela Universidade Federal de Pernambuco, onde pôde dedicar-se ao estudo da pedagogia de Paulo Freire.

No que diz respeito à sua inserção no ensino superior, convém salientar que sua experiência docente iniciou como funcionária pública do estado do Ceará, sendo orientadora de aprendizagem do Telensino e, posteriormente, atuou em escolas particulares como o Colégio Santa Cecília e o Colégio Cooperativo de Fortaleza. Seu ingresso na docência universitária dá-se, a princípio, por meio de faculdades públicas como substituta e privadas, até galgar o cargo de professora efetiva da UECE, no qual desenvolveu uma prática pedagógica pautada nos princípios de Paulo Freire, ampliando a possibilidade de os alunos estudarem disciplinas como EJA, Movimentos Sociais etc. Sua visibilidade na comunidade acadêmica é decorrente de sua prática dialógica e contextualizada, com mote na formação de alunos humanos e atuantes, compromissados criticamente com uma sociedade mais justa e igualitária, bem como na sua expertise no campo teórico fundamentado em Paulo Freire.

Salienta-se que a biografia da professora Margarete Sampaio proporcionou um estudo micro-histórico de uma pessoa comum, ou seja, de uma mulher professora, que vivenciou nuances que perpassaram a vida de tantas outras mulheres de seu tempo. Sua história dá a ver o percurso educacional das poucas moças interioranas que conseguiram prosseguir na escolarização, lançando luz à exclusão educacional dessas meninas e às dificuldades das famílias de baixa renda para assegurar a educação dos filhos. Muitos não puderam realizar o êxodo rural, outros tantos, ainda que tivessem condições, optavam por continuar em suas localidades de origem e, sem possibilidade de dar continuidade à escolarização primária por falta de escolas, relegavam às mulheres atividades como o cuidado com o lar, com a prole e com o matrimônio.

Margarete Sampaio protagonizou uma formação educacional diferenciada das moças do interior, pois não apenas concluiu toda a educação escolar como prosseguiu nos estudos até a conclusão do seu doutorado. Sua atuação profissional, com base teórica em Paulo Freire, numa perspectiva dialógica, foi marcada pelo carisma com seus alunos e pela formação de várias gerações para uma atuação crítica na sociedade. Narrativas que desvelaram nuances tanto da vida individual como do contexto coletivo ao possibilitar refletir sobre a educação cearense do final do século XX.

Importa destacar que as pesquisas biográficas não se comprometem em reconstituir todos os fatos históricos vivenciados por um sujeito em suas múltiplas dimensões, portanto, não são passíveis de generalização, o que pode ser considerado uma limitação desse tipo de estudo. Entretanto, sugere-se o desenvolvimento de outras pesquisas, que propiciem visibilidade aos sujeitos comuns, em especial, mulheres e educadoras, que tanto contribuíram para a história da educação e que permanecem majoritariamente invisibilizadas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) – Processo n. PS1-0186-002018.01.00/21 - e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.155-202.

AMORIM, Hananiel de Souza. A implantação dos grupos escolares no Brasil nas primeiras décadas do século XX. **Saberes**. v. 1, n. 12, p. 208 – 224. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/6886/5712>. Acesso em: 25 ago. 2020.

BRAGA, Margarete Sampaio Carvalho. **Entrevista concedida a Hugo de Oliveira Leite em 22 de abril de 2019**. Fortaleza, 2019.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. Trad. Nilo Odalia. 2 ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, Gisele Barreto da. Curso de Pedagogia no Brasil: História e Formação com Pedagogos Primordiais. **Cadernos de Pesquisa**. v.42, n. 145, p. 298-319. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/19.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2020.

CUNHA, Washington Dener dos Santos. SILVA, Rosemaria J. Vieira. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **Revista Gênero**. v. 11, n. 1, p. 97-106, 2. 2010

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FIALHO, Lia Machado Fiuza et al. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em 11 ago. 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza Fialho; SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; SALES, José Álbio Moreira de. Pesquisas Biográficas na Educação. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 26, n. 3, p. 11-29, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12743>. Acesso em: 11 ago. 2020.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962.

HOELLER, Solange Aparecida de Oliveira. **Escolarização da Infância Catarinense: a normatização do ensino público primário (1910-1935)**. Curitiba/PR, 2009, 210 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses/M09_hoeller.pdf. Acesso em: 13 ago. 2020.

IBGE. **Censo Demográfico de 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home>. Acesso em: 11 jan. 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magna Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

LIMA, Maria Socorro Lucena; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho. Relação Ensino-Aprendizagem da Docência: traços da Pedagogia de Paulo Freire no Ensino Superior. **Educar em Revista**. n. 61, p. 71-88. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n61/1984-0411-er-61-00071.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

LIMONTA, Sandra Valéria. Currículo e formação de professores no curso de Pedagogia. **Educativa**. v 14, n. 2 p. 327-340. Goiânia, 2011. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1968>. Acesso em: 13 ago. 2020.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X: da biografia à História**. Belo Horizonte: Autentica editora. 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORTATI, Maria do Rosário Longo. Cartilha de Alfabetização e Cultura Escolar: um pacto secular. **Cadernos Cedes**. n. 52. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a04v2052.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RODRIGUES, Rui Martinho. Biografia e Gênero. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério. **Biografia de Mulheres**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **A dimensão da palavra: práticas de escrita de mulheres**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.

RODRIGUES, Vanessa Elisabete Raue.; MOREIRA, Jandira Bregonde. Educação de Jovens e Adultos: uma abordagem das políticas públicas de inclusão social. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 29, n. 2, p. 295-314, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8686>. Acesso em: 02 dez. 2021.

SALES, Juscelino Chaves. O melhor colégio católico de Fortaleza. In: **VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Anais. São Luís, UFMA, 2010.

SCOTT, Ana Sílvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSK, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

SOARES, Maria Perpétua do Socorro Beserra. Formação permanente de professores: um estudo inspirado em Paulo Freire com docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação & Formação**, v.5, n.13, p. 151-171, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1271/1912>. Acesso em: 05 set. 2020.

SOARES, Carla Poennia Gadelha.; VIANA, Tania Vicente. Jovita Alves Feitosa: memórias

que contam a história da educação nas prisões cearenses. **Educação & Formação**, v. 1, n. 1, p. 140-158, 4 jan. 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/96>. Acesso em: 11 ago. 2020.

SILVA JÚNIOR, Roberto da. A fecundidade da História Oral temática nas pesquisas educacionais. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza. VASCONCELOS, José Gerardo. SANTANA, José Rogério. **Fontes Orais em Pesquisas Educacionais**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; FERNANDES, Francisca Risolene. Análise de conteúdo de “As três Marias” e a instrução feminina cearense: práticas educativas, vigilância e transgressão. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3484/3108>. Acesso em: 11 ago. 2020.

STASCXAK, Francinalda Machado; SALES, Maria Julieta Fai Serpa e. Educação feminina no Brasil: o que dizem as pesquisas publicadas no Portal da Capes (2015-2019). **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3598/3162>. Acesso em: 11 ago. 2020.

SHIROMA, Eneida Oto. MORAES, Maria Célia Marcondes de. EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

VASCONCELOS, Larissa Meira de; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. Educação, gênero e higienismo nos anúncios publicitários da Paraíba durante a Primeira República. **Cadernos de História da Educação (Online)**, Uberlândia, v. 16, p. 451-473, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/39598>. Acesso em: 14 ago. 2020.

VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. **Cartilhas de Alfabetização no Brasil**: um estudo sobre a trajetória e memória de ensino e aprendizagem na língua escrita. Tese. (Doutorado Acadêmico) Programa de Pós-Graduação em Memória; Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2017. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/09/Tese-Zeneide-Paiva-Pereira-Vieira.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2020.

VIEIRA, Sofia. Lerche. **História da Educação no Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

XAVIER, Antônio Roberto et al. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3802/3305>. Acesso em: 13 ago. 2020.

Submissão em: 03-12-2021
Aceito em: 24-01-2022